INEPAC instituto estadual do patrimônio cultural
Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ
Parceria: INSTITUTO Light PARA O DESENVOLVIMENTO URBANO E SOCIAL — Instituto Cultural Cidade Viva

denominação
Fazenda Santa Vitória

códice
AIV - FO6 - PS

localização
Estrada Coronel Mariano de Paiva

município
Paraíba do Sul

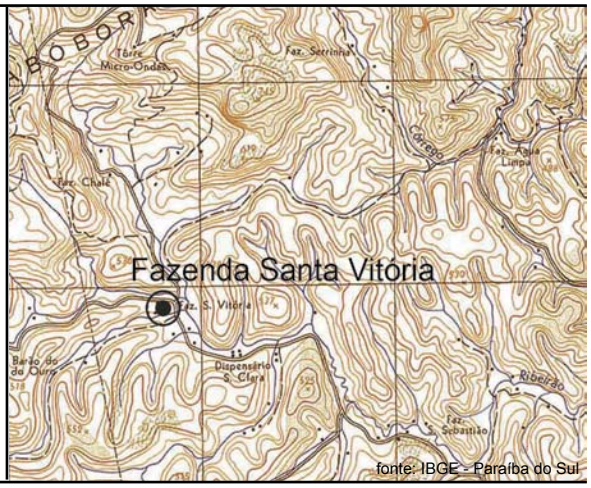
época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial e industrial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

Cuidadosamente implantada na base de um morro, a casa-sede está locada em posição elevada em relação ao quadrilátero funcional, tendo aos fundos mata nativa; à direita, estrada ligando as Fazendas Sincorá e Santa Clara; à esquerda, outro registro de mata nativa e morro coberto de pasto e; à frente, a estrada principal.

29

31

75

coordenador / data — **Domingos Espíndola de Aguiar - nov 2007**
equipe — **Elomir Gumiero de Moraes e Saulo**
histórico — **Adriano Novaes**

revisão / data
Alberto Taveira - abr 2008

Ainda à esquerda da casa-sede, encontram-se o paiol e as casas de funcionários, no local que poderia ser o da antiga senzala. Compondo o conjunto, à frente, armazém de café; casa do administrador; portada de entrada e, fechando o quadrilátero funcional, currais ladeando, pela direita, a casa-sede, tendo ao centro os antigos terreiros de café, hoje gramados (f.29, 32, 58 e 67).

Ao fundo há outro curso d'água, captado em cisterna, passando sob a área de serviço e conduzido por canal e aqueduto até ao armazém de café, datado de 1884. A sede foi modificada em 1927, tendo seu tamanho reduzido.

21

30

34

53

57

200

Nesta fazenda a casa-sede sofreu grande reforma, em 1927, que a modificou sobremaneira. Assim, ela configura-se, atualmente, como um chalé de um pavimento, mais sótão, sobre porão habitável. Os prédios do paiol e da capela respondem, entretanto, pela excelência do conjunto, configurando-se como exemplos notáveis da arquitetura neoclássica praticada no Vale do Paraíba.

O paiol, usado originalmente como armazém de café, apresenta-se como um galpão sobre porão, com proporções concebidas segundo ditames clássicos, mantendo o característico frontão da linha arquitetônica consolidada, no Brasil, pela Missão Francesa, a partir de 1816. Sua fachada principal é modulada por três pilastras dóricas e mantém dois vãos de janelas com vergas em arco pleno e cercaduras em massa, guarnecidos por gradis em ferro fundido terminados em setas e sem bandeiras, que são encimados por óculos elípticos para ventilação. Finalizando esse corpo uma singela arquitrave – composta por friso e cornija entremeados por barra lisa pintada de azul – sublinha o frontão neoclássico, cujo tímpano mantém dois pequenos óculos, semelhantes aos existentes sobre todos os vãos da edificação. Completam a composição, corruchéus nos extremos e compoteira no ápice do triângulo. As fachadas laterais seguem a mesma conformação, excluindo-se, naturalmente, o frontão, sendo moduladas por nove pilastras, que determinam oito panos de composição mantendo, na lateral direita, a porta de acesso (3º pano, da esquerda para a direita) e caracterizando-se por abrigar a chegada, no 6º pano, através de aquedudo em arcaria, d'água, móvel do maquinário de beneficiamento do café. O telhado, de elevado ponto, recebe cobertura por telhas francesas.

A pequena capela, construída no século XX, apresenta embasamento em chapisco e paredes pintadas em amarelo pálido e branco, respeitando molduras. A porta frontal e as janelas laterais, com vergas em arco pleno e cercaduras em massa, possuem esquadrias em madeira com duas folhas almofadadas, com bandeiras em venezianas, pintadas na cor azul. Acima do vão de acesso principal lê-se a inscrição "N. Senhora das Victorias". Finaliza a composição – que recebe enquadramento por singelas pilastras dóricas e arquitrave, decoradas por pintura de losangos –, frontão triangular levemente atarracado determinado por cornija saltada, que é ladeado por corruchéus de massa nos extremos e encimado por cruz em ferro com a inscrição "INRI", mantendo em seu tímpano óculo emoldurado e com a inscrição "19-02-1930", além de pintura em azul céu, decorada por duas estrelas. O telhado é em duas águas, recoberto por telhas capa e canal (f.44, 45, 46, 47, 50, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75 e 76).

Os beirais da casa-sede são forrados e recebem, como acabamento, mãos-francesas decorativas acompanhando o estilo *challet* das fachadas frontal e laterais. No armazém a cimalha em argamassa contorna os frontões e as duas águas, separando, efetivamente, o corpo da edificação de sua cobertura (f.22, 27, 28, 29, 37, 40, 56 e 61).

Na casa-sede os vão de janelas são em vergas retas com esquadrias em guilhotina por fora e de duas folhas emolduradas por dentro. As portas, também em vergas retas, apresentam-se com bandeiras internas, e as externas em duas folhas emolduradas. No armazém portas e janelas em arco pleno, com bandeira existente apenas na porta de duas folhas. Grades nas janelas denunciam modificação e perda referencial (f.22, 25, 42, 61 e 62).

Como elementos decorativos e ornatos a destacar, na casa-sede, o fechamento do paramento da varanda e os dois vãos de ventilação abaixo do telhado frontal, guarnecidos por treliças de madeira; os óculos de ventilação e as mãos-francesas dos beirais. No armazém, os óculos nos tímpanos das fachadas e sobre as vergas dos vãos; os vasos nos frontões; a cimalha protuberante; as pilastras greco-romanas em argamassa e as duas cabeças que ladeiam a porta (f.25, 27, 29, 37, 45 e 61).

Configuram-se como elementos atípicos à conformação original da fazenda: a varanda em alpendre criada para acesso à casa-sede, em 1927. A Capela isolada do corpo da sede e do quadrilátero funcional.

Na casa-sede, o porão apresenta embasamento em paredes de pedra. No segundo pavimento, as paredes originais são em pau-a-pique e os acréscimos (varanda e alpendre) são em técnica e materiais construtivos convencionais. Na escadaria de acesso, os degraus e as colunas são em cantaria antiga e, provavelmente, foram relocados de outro local ou sítio, na reforma de 1927. As portas internas com bandeiras, os vãos retos e os recortes dos telhados, são inspirados nos *challets*. No armazém de café, o embasamento é em pedra, havendo evidências de paredes em tijolos maciços cerâmicos. Já as portas e janelas possuem vergas em arco pleno, cimalha e frontões, alinhando-se à linguagem neoclássica rural brasileira (f.16, 17, 27, 42, 62 e 64).

18

22

23

25

26

28

32

42

50

55

56

63

66

67

68

69

72

Aparentemente, não há problemas de fundação na casa-sede, nem no armazém de café. Na sede, foram colocadas pedras aparentes no embasamento da fachada principal, como proteção da umidade provocada por chuvas ou, como se observa no restante do embasamento, pela ação da umidade ascendente (manchas escuras). No armazém o embasamento é em pedra com canais para água (f.17, 31 e 64).

Percebem-se, nas paredes de vedação interna, o descolamento da pintura decorativa das salas, por ação de umidade descendente, além de pequena trinca em um dos cantos da sala, devido à ação de insetos xilófagos no caixonete da porta. No armazém, manchas de umidade descendente denunciam problemas no telhado, havendo ainda uma trinca externa no frontão (f.12, 14, 15, 19, 28, 44, 59 e 60).

Os forros das varandas e os internos apresentam-se com manchas de umidade. Nos ambientes sem forros há a indicação de que a umidade penetrou por deterioração do engradamento de madeira; seja por telhas corridas e quebradas, seja pela presença de fungos e insetos xilófagos. No armazém, foi necessária uma reforma do telhado, pois a deterioração do engradamento estava comprometendo a estabilidade das paredes (f.12, 27, 44, 45, 59 e 60).

Na casa-sede os elementos estruturais de madeira não apresentam, aparentemente, problemas, pois não foi detectada internamente a presença de resíduos de madeira, nem perda substancial de material externo. No armazém, as tesouras, terças e cumeeiras, estão em bom estado. Porém, alguns caibros e ripas foram trocados na reforma (f.1, 9, 10, 13, 14, 15, 19, 37, 40, 44, 45, 59, 60 e 61).

01

03

04

09

10

14

17

19

27

37

40

44

45

59

60

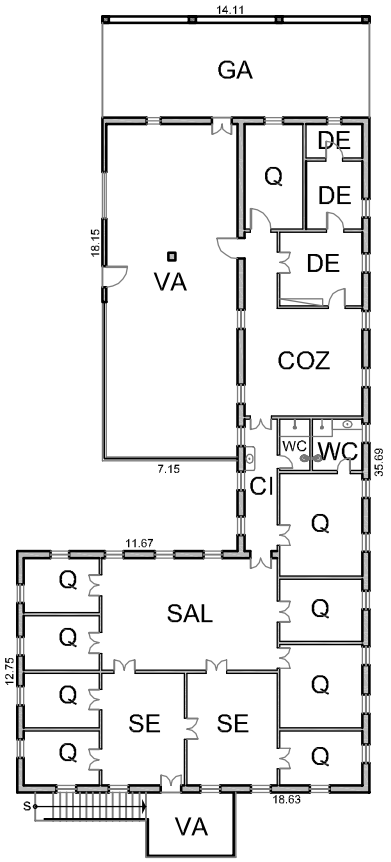
61

64

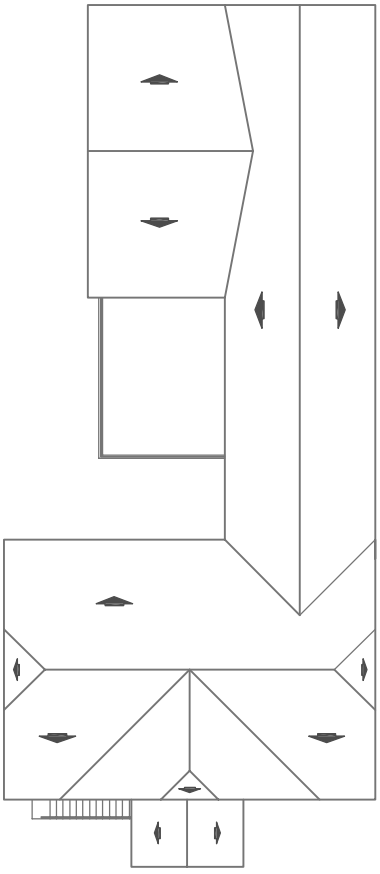
DObservações:

1. A Fazenda foi alvo de reforma em 1927, e hoje apresenta tamanho inferior ao seu original e elementos que parecem ter sido relocados, como os pilares em cantaria da varanda principal;

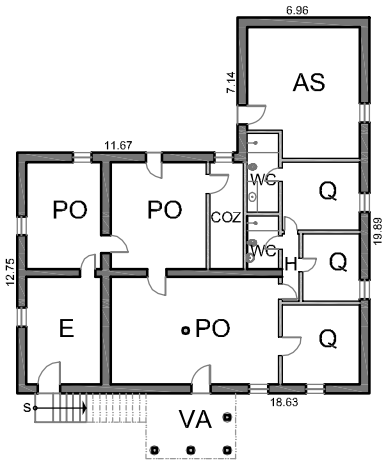
2. O curso d'água existente na Fazenda foi canalizado para reservatórios e conduzido através de aqueduto, com a finalidade de alimentar gerador e fornecer energia para o armazém de café e a sede.



2 Planta Baixa da Sede - 1o. PAV escala: 1/400



3 Planta Baixa da Sede - Cobertura escala: 1/400



1 **FAZENDA SANTA VITÓRIA**
Planta Baixa da Sede - Porão escala: 1/400

0 1 5 10

AS - área de serviço
CI - circulação
COZ - cozinha
DE - despensa
E - escritório
GA - garagem
H - hall
PO - porão
SAL - salão
SE - sala de estar
Q - quarto
VA - varanda
WC - banheiro

alvenaria existente
alvenaria de pedra existente

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense	AIV - F06 - PS	1/1

equipe:	desenhista:	revisão:	data:
Domingos E. de Aguiar/ Elomir G. de Moraes/ Saulo R. de Souza	Elomir Gumiero de Moraes	Francyla Bousquet	nov 2007

Supõe-se que esta fazenda foi resultado do desmembramento de terras adquiridas na primeira metade do século XIX por Inácio Pereira Nunes.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Inhaúma, Inácio Pereira Nunes foi de fato um dos pioneiros na cultura do café em terras de Paraíba do Sul. Não sabe ao certo quando teria chegado à região, mas, em princípios do século XIX, com certeza já estaria por lá.

Inicialmente foi proprietário de uma fazenda de subsistência e olaria na Fazenda do Inema. Com o tempo, foi adquirindo várias outras fazendas em pura mata.

Inácio também exercia a atividade de usurário, inclusive, tornando-se senhor de diversas fazendas através da execução de bens hipotecados a ele.

Tinha preferência pelas terras da Serra das Abóboras, nas vertentes do Rio Paraíba do Sul. Suas primeiras propriedades nesta região foram os sítios Água Limpa e Serra, havidos por compra da viúva de José Fernandes dos Santos.

Quando da Revolução em Minas Gerais, no ano de 1842, prestou em sua fazenda da Cachoeira grande auxílio à tropa legal de Caxias, ali baseada antes da tomada de Paraibuna. Por esse motivo, foi condecorado pelo Imperador D. Pedro II com a Comenda da Ordem de Cristo. Desde então, passou a ser conhecido por Comendador Inácio Pereira Nunes.

Segundo o grande historiador Pedro Gomes da Silva, o Comendador Pereira Nunes enriqueceu rapidamente com o café, possuindo cerca de 1.000 escravos. Tinha também quase 300 bestas de carga que faziam o percurso de suas fazendas até ao Porto de Estrela, levando gêneros de toda a espécie, toucinho e café. Na volta vinham com o sal, sabão e ferramentas necessárias à lavoura. Ele reservou para tratamento dos animais de carga uma fazenda inteira, a do Sossego, nas imediações do pico culminante da Serra das Abóboras, a pedra Monte Cristo.

Tamanha era a quantidade de terras “adquiridas” ao longo dos anos, que, ao falecer em 28 de março de 1857, deixou uma fazenda para cada filho, todas com mais de 100 alqueires de terras, e grande parte ainda em pura mata virgem. As fazendas originadas em suas terras foram as seguintes: Cachoeira, Caxambu, Santa Tereza, Sossego, Retiro, Fortaleza, Independência, Água-Limpa, Santo André, Serra, Santo Elias, Santa Vitória, Bom Sucesso e Barreira.

O filho Antônio Luis Nunes herdou e fundou a Fazenda Santa Vitória. Segundo o historiador Pedro Gomes, Antônio Luis “*era um homem gigante fisicamente. Quase não podia andar, de tão gordo, e para fazer uma viagem de dois quilômetros eram necessários dois cavalos para revezamento no caminho*”.

Legou a fazenda aos filhos Elias e Inocencia. Posteriormente a propriedade passou ao Dr. Bernardo Alves Pereira, médico casado com Inocência. Dr. Bernardo, ainda moço, foi aperfeiçoar seus estudos na Europa e, logo depois que retornou, tornou-se professor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depois que vendeu a Fazenda Santa Vitória, foi residir em Paraíba do Sul, onde possuía clínica, além de atender na Casa de Caridade. Dr. Bernardo faleceu em Paraíba do Sul, no ano de 1925.

Em 1920, a fazenda pertencia a Domiciano Pereira Machado, que posteriormente repassou-a a seu filho, João Machado da Fonseca. Em 1927, João Machado da Fonseca realizou na sede da fazenda grande reforma, na qual parte da construção é demolida. A provável aparência neoclássica de Santa Vitória foi substituída por uma linguagem da arquitetura eclética, típica dos anos vinte.

Desde a década de 1920 a fazenda pertence à família Machado da Fonseca, atualmente em poder dos herdeiros de Raymundo Machado.